



## **Entretenimento e sofisticação**

*O livro roubado*, de Flávio Carneiro

Marta Maria Rodriguez Nebias\*

Em *O livro roubado* (2013), segundo romance policial escrito por Flávio Carneiro, deparamo-nos, já nas primeiras páginas, com uma revelação surpreendente: o culpado é o mordomo. Assim, com apenas uma cajadada, o autor mata duas regras que regem o romance policial tradicional ou, mais especificamente, o chamado romance de enigma. A principal (e elementar) regra transgredida é a que defende que a identidade do culpado só deve ser revelada no final da trama, de modo a preservar o suspense que caracteriza esse tipo de narrativa. A outra é a mencionada por Van Dine em artigo publicado em 1828, no *American Magazine*, de que o autor nunca deve escolher o criminoso entre o pessoal doméstico. Ou seja, o clichê que vincula ao mordomo a culpa pelo crime deve ser evitado a todo custo, já que, segundo o entendimento de Van Dine, o culpado deve gozar de certa “importância”.

Flávio Carneiro, entretanto, não parece preocupado em seguir fielmente as normas do gênero, mas em reescrevê-las, ainda que sutilmente, adequando-as ao contexto contemporâneo. O romancista, que é também crítico e professor de literatura, tem consciência de que, nos dias atuais, um personagem como Dupin,

\* Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

de Edgar Allan Poe, “pareceria completamente despropositado”, como observa em seu livro de ensaios *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, publicado em 2005.

O detetive contemporâneo não é herói, já que é fruto de uma sociedade que perdeu a inocência, e o personagem André, que apareceu pela primeira vez no romance *O campeonato* (2002), confirma essa tese, consolidando a figura de um detetive não herói, bem distante do paradigma construído com Dupin. Em suas novas aventuras, percebemos um André um pouco mais maduro que no romance anterior, mas que conserva seu entusiasmo por romances policiais, mulheres e chope gelado.

A história começa por obra do acaso. André estava no lugar certo, na hora certa. Ou no lugar errado, na hora errada. Enquanto esperava o detetive Miranda, que lhe devia dinheiro, retornar ao escritório, eis que surge uma oportunidade tentadora: fazer-se passar por ele e, em troca, faturar a módica quantia de trinta mil euros. Tarefa fácil, já que o caso apresentado pelo milionário Mattos aparentemente já estava solucionado, e o culpado era o mordomo, como em um romance policial daqueles que se encontram em bancas de jornal. André aceita a proposta e, com a ajuda de seu assistente Gordo e de outros que vão surgindo no caminho, tenta recuperar o raro exemplar de *Histoires extraordinaires*, de Edgar Allan Poe, que fora roubado da biblioteca de Mattos.

Apesar da ilusória facilidade na resolução do caso, “ridículo”, segundo André, o desenrolar dos acontecimentos acaba mostrando que, por trás do roubo do livro, há todo um esquema que envolve segredos de alquimistas, sociedades secretas e outros enigmas que precisarão ser decifrados. A revelação precoce do culpado não facilita em nada o trabalho dos detetives, tampouco diminui o interesse do

leitor. Pelo contrário, mantém-no em posição de alerta, lembrando-nos a constatação de Jorge Luis Borges, de que o leitor de novelas policiais lê com uma perspicácia especial. Duvidando e deduzindo, o leitor ocupa papel ativo nessa trama repleta de duplicidades, em que ninguém é o que parece ser e a verdade é escorregadia.

O título do romance, ingênuo à primeira vista, revela-se uma pista que só será percebida como tal ao fim da trama, como se espera de um bom romance policial. O leitor mais atento vai logo perceber uma referência ao conto de Edgar Allan Poe, *A carta roubada*, mas essa referência só completará seu sentido após a resolução do mistério, que, como no conto, talvez fosse um pouco simples demais. Cabe frisar que simples não significa simplório e que, como diria Poe, provavelmente o que atrapalhava a solução do caso era justamente sua simplicidade.

Como mencionado anteriormente, Flávio Carneiro subverte algumas regras do gênero policial sem, todavia, fugir a ele. As inúmeras referências literárias relativas a obras afins propiciam um diálogo com a tradição. Começando por Poe e passando por Conan Doyle, Agatha Christie, Chesterton, Rex Stout, Raymond Chandler, Dashiell Hammett, sem esquecer de Borges, Umberto Eco e nem do compatriota Luiz Alfredo Garcia-Roza, Carneiro percorre toda a trajetória da literatura policial. Desse modo, o leitor especialista no gênero vai se deliciar com todas as referências e citações literárias, enquanto o leitor comum vai ler com avidez, talvez até evitando as citações, de modo a alcançar mais rapidamente o desfecho.

Além de proporcionarem ao leitor reflexões sobre a própria literatura, as referências e citações literárias ajudam André e Gordo a solucionarem o caso, pois apesar de aquele ter concluído o curso de detetive por correspondência, será através dos conhecimentos adquiridos pela leitura de romances policiais que os detetives emba-

sarão seus raciocínios. As referências literárias servirão, inclusive, para dar credibilidade às suas divagações e deduções, afinal, quem colocaria em dúvida a genialidade de Sherlock Holmes?

Podemos deduzir então, com a confiança típica de Holmes, que o romance de Flávio Carneiro versa sobretudo sobre livros, assumindo assim sua condição metalinguística. Tudo gira em torno de livros, com os quais os personagens mantêm relações que, apesar de distintas, compartilham o fato de serem apaixonadas. O bibliófilo Mattos acomoda seus livros em uma suntuosa biblioteca, com destaque especial para sua coleção de livros raros; Gordo, com seu “comércio de livros usados” (expressão eufêmica que utiliza para designar seu sebo), os tem como ofício; enquanto André, leitor obsessivo, os dispõe em uma peculiar geladeira-estante de dar inveja ao personagem Espinosa, de Luís Alfredo Garcia-Roza, deixando-os, desse modo, ocuparem o lugar que normalmente seria de outra de suas paixões: a cerveja. Assim, o Rio de Janeiro vai sendo delineado não apenas por suas paisagens, bares e mulheres bonitas, mas também por suas livrarias, bibliotecas, sebos e livros, divulgando uma imagem inusitada da cidade e dando continuidade ao projeto do autor de homenageá-la, o que foi feito através da trilogia composta por *O campeonato* (2002), *A confissão* (2006) e *A ilha* (2011).

O que nos vem à mente após a leitura do romance são as palavras de Umberto Eco ao afirmar que, quando escreveu *O nome da rosa*, queria que o leitor se divertisse. Parece ter sido essa a intenção primeira de Flávio Carneiro, ao usar uma linguagem acessível e bem-humorada que, somada à narrativa envolvente, concilia entretenimento e sofisticação. Consegue, desse modo, satisfazer – e divertir – todo tipo de leitor, desde o devorador de best-sellers até aquele em busca de experimentações literárias e divagações metalinguísticas.